

EDITORIAL

ONTOLOGIAS LIBERTÁRIAS, ANTIFASCISMOS E CONTRASSEXUALIDADES

Mil anos de guerras, mil anos de festas! É o que desejo para os Yanomamis
Uma ilusão? Receio que sim. Eles são os últimos sitiados. Uma sombra mortal se estende por toda parte... E depois?
Talvez se sintam melhor, uma vez rompido o último círculo dessa última liberdade. Talvez se possa dormir sem ser
despertado uma única vez... E algum dia, ao lado dos chabunos, haverá então perfuradoras de petróleo; no flanco das
colinas, escavações de minas de diamante; policiais nas estradas, lojas à beira dos rios... Harmonia em toda parte.
(CLASTRES, 1982, p.37)¹

A *Revista Tapuia* segue a traçar novas rotas, a abrir novas frestas na selva monológica da civilização ocidental. Nesta segunda edição, as picadas percorrem *Ontologias libertárias, antifascismos e contrassexualidades*. Textos-frestas que possibilitam pensar as diferenças, e atuar contra esse mundo hostil, castrado em sua heteronormatividade patriarcal, burguesa, ariana encardida. Mundo do *Povo da mercadoria*, de mentalidades consumidas pela sanha incessante de ganhar, lucrar, acumular, dominar, matar. Consumir vidas - as que forem preciso. E *Viva lucro e mais-valia!*. Tudo na maior democracia. Harmonia em toda parte. Contra essa máquina colono-capitalista de moer gentes, legalmente, resta-nos uma resistência disruptiva capaz de alterar as relações de força ao nível da *microfísica*. Uma luta nos moldes daquelas que nos legaram como herança as gentes Tapuia. E, como nos ensinam, ainda hoje, populações originárias e negras sobreviventes da barbárie civilizacional europeia. Barbárie civilizacional a se (re)produzir em todas as esferas institucionais do estado colonial brasileiro – como pode-se atestar pela excrescência estatal do marco temporal: criado como exceção pelo Judiciário, em 2013. Abraçado pelo Executivo, em 2016, e a ser avaliado, em breve, pelo Legislativo. Não à toa, o sanitarista Noel Nutels alertava que, há quinhentos anos, indígenas tentam *civilizar o civilizado*.²

Contra um estado de coisas secular de barbárie civilizacional, a segunda edição da *Revista Tapuia* segue conclamando saberes selvagens. Saberes nômades, rebeldes, saberes “bixas”, puta-saberes, transaberes, (des)saberes dos femininos, das faveladas, de (sub)urbanxs, (sub)humanxs,

¹CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência - pesquisas de antropologia política*. Tradução: Paulo Neves. Prefácio: Bento Prado Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

² *Conferir*: CARVALHO, Tiago. *O índio cor-de-rosa contra a fera invisível: a peleja de Noel Nutels*. Produção de Maria Flor Brazil. Brasil: Videosaúde Distribuidora Fiocruz, 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/editora-fiocruz>>. Acesso em: 05/07/2023.

reflexões pretas, periféricas, marginais. Tudo que não se harmoniza à ordem e ao progresso colono-capitalistas em vigência.

Em primeira pessoa, Fabiano Lemos abre nossa revista dando o tom da publicação, e apresentando o texto *Como me tornei uma Bixa*. Da perspectiva de Lemos, mais do que uma individualidade excessiva, a força do texto autobiográfico reside sobretudo na possibilidade de fuga dos mecanismos de normatização da produção discursiva. Assim, contrapõe-se à construção de uma hegemonia epistêmica, em favor de uma filosofia situada, biográfica porque singular e compreendida como ruptura com *a colonialidade nossa de cada dia*. A partir de um esboço da história política desse suposto rigor epistêmico na impessoalidade, o texto utiliza o recurso autobiográfico e o depoimento como um exercício de resistência e de ruptura com os saberes que se supõem universalizáveis e, por isso mesmo, fundantes da norma.

Em nosso segundo artigo, sobre as relações entre caos e anarquismos, Clever Luiz Fernandes recorre ao pensamento de Hakim Bey para confrontar tanta harmonia mortal. Ao apresentar a filosofia do caos de Bey, o autor busca ressaltar sua noção de anarquia e explora o conceito de *Zona Autônoma Temporária* (TAZ). Destaca-se aqui o movimento de retomada do termo ‘anarquia’ por Hakim Bey, e a forma como o texto delineia as relações entre *caos* e TAZ, enquanto constitutivas de um anarquismo ontológico. Ao lado disso, o artigo nos permite traçar *linhas de fuga*, que nos ajudem a produzir fissuras na *forma-estado*, não nos deixando mapear e nos mantendo invisível.

Em *Notícias de um Fascismo à Brasileira*, Kássio Motta explora as relações entre a situação social contemporânea no território dominado pelo estado brasileiro; colonialidade e imprensa. Tendo como ponto de partida os eventos golpistas do dia 8 de janeiro de 2023, o texto questiona a divergência entre a descrição da realidade pela grande imprensa, de um lado, e por movimentos sociais e veículos de comunicação independentes, de outro. Assim, traça contornos de um possível fascismo local, de raízes coloniais e apoio midiático, o que talvez seja bem resumido pela afirmação: *por aqui, o fascismo dança com a democracia sob os aplausos das classes médias e o silêncio cúmplice da grande imprensa*. Kássio levanta assim uma hipótese que une a compreensão da *colonialidade nossa de cada dia* com o papel que a grande mídia nacional, ligada ao capitalista global, desempenha nas construções das narrativas dominantes.

Com *Ignorância Branca e as suas Correlações com o Racismo Ambiental no Brasil*, Bruna Schneid segue a dissipar a espessa névoa das ignorâncias brancas em que vivemos. A autora nos chama a refletir sobre como a produção de ignorância e de desconhecimentos associa-se ao chamado racismo ambiental, afligindo diretamente as populações mais vulneráveis. Bruna problematiza, com isso, aspectos das teorias epistemológicas analíticas, justamente por omitirem as

relações de poder – e quaisquer relações morais e políticas – da construção dos conhecimentos localizados.

Em *Ontologias marginais – desafios de um anarquismo travesti*, originalmente escrito para a *I Feira Anarquista do Rio de Janeiro*, entre os dois turnos do período eleitoral de 2022, Angie Barbosa nos convida às reflexões sobre as contradições da relação predatória da democracia brasileira com transexuais. A autora sublinha as tensões entre a marginalidade dos corpos-trans e a centralidade do modelo branco, hétero, cis, patriarcal e capitalista, convocando pessoas e coletivos anarquistas para um olhar sobre as experiências que se situam fora das fronteiras normativas. Angie se vale também de suas experiências diretas, a fim de apresentar aquilo que compreendemos como *desafios trans feministas para as anti-políticas anarquistas*.

Finalmente, apresentamos um texto-performance, de Sue Nhamandu: *Para deglutir Foucault com dendê e mandioca: Oneiros de Michel nos delírios tropicais*. A autora imagina um Foucault pelado, destituído de sua civilidade europeia, em meio aos povos originários. Trata-se aqui de uma experiência imaginária, um ensaio cínico, contracolonial, fabulativo e, claro, antropofágico. Uma experiência da linguagem-ação e da liberdade poética para as destituições artísticas das normas.

Por tudo isso, o segundo número da *Revista Tapuia* nos presenteia com textos-armas, conceitos-ações, mais do que simples ferramentas, autodefesas vivas e estrategicamente situadas. É certo que os artigos e experiências literárias publicados nesta edição têm matizes contrapolíticas ou performáticas muito próprias. Entretanto, todos eles realçam as vivências e se inserem no âmbito da pesquisa-ação contracolonial, nos convidando às ontologias libertárias, às práticas antifascistas e à contrassexualidade ácida e destituente. Assim, inspirada por múltiplas dissonâncias, a segunda edição da *Revista Tapuia* traz reflexões que sujam, borram, rasuram, entrecruzam, desviam, derivam, dispersam, dissolvem, embolam e, sobretudo, duvidam das certezas eurocêtricas. Textos que se esquivam de universalismos e se infiltram nas rachaduras do muro normativo que constitui a casa-grande, branca e polida, que conforta o patriarcado cis da razão ocidental. Para o anarquista mexicano Ricardo Flores Magón, *rebeldia é vida, submissão é morte*. Então, rebeldia longa à Tapuia - *Mil anos de guerras, mil anos de festas!*

Comissão editorial da Tapuia, agosto de 2023.